

MAGALHÃES, Nara. *Eu vi um Brasil na TV – Televisão e cultura em perspectivas antropológicas*, Santa Maria, Ed. UFSM, 2008, 183 pp.

Fernanda Bittencourt Ribeiro
PPG em Ciências Sociais, PUCRS

“Eu vejo, olho, assisto TV!”. O livro de Nara Magalhães, *Eu vi um Brasil na TV – Televisão e cultura em perspectivas antropológicas*, além de explorar as nuances dos sentidos que estas maneiras de falar encerram, convida o leitor a assumir estas práticas cotidianas de ver, olhar e assistir TV e a pensá-las enquanto vias de acesso à diversidade dos muitos brasis e dos brasileiros. Aliás, parece-me que esta palavra diversidade, tão cara aos antropólogos, foi fortemente incorporada ao discurso televisivo nos últimos anos... A pesquisa realizada com pessoas de camadas médias também desafia telespectadores e intelectuais (e podemos ser os dois!), a superarem o anacronismo da atual crítica dirigida a este meio de comunicação. Estranhando tanto a unanimidade da crítica quanto da negação desta prática que consiste em relacionar-se com a TV cotidianamente, a autora lança mão da etnografia de audiência “da escuta atenta e do olhar aguçado que ela pressupõe” para sentar-se diante da TV com constrangidos telespectadores. Esta não é uma tarefa simples, visto que seus interlocutores são convidados a expor uma prática que negam ou que talvez preferissem “varrer para debaixo do tapete”... (da sala de TV!) A alternativa encontrada pela autora, de deixar a escolha da programação a ser assistida conjuntamente, a critério dos participantes da pesquisa, provavelmente, minimizou o mal-estar. Além disto, mostrou-se heurística na medida em que a escolha revelou a preocupação de afastar-se, ao menos publicamente, da programação sobre a qual recai o funda-

mental da crítica formulada pelas camadas médias. Ou seja, daqueles programas de “mau gosto”, “vulgares” e que agradariam a um público “sem cultura” e, portanto, incapaz de lançar sobre eles um olhar crítico.

O livro nos propicia uma leitura fluida na qual a etnografia, ao nos levar para as salas de nossas famílias de classe média urbana, soa muito familiar. [Aceito aqui o convite da autora (nota 14, p. 69) para que os leitores do livro incluam-se na análise, juntamente com a equipe de pesquisa e os pesquisados.] Com muita facilidade, o leitor oriundo deste universo “sente-se em casa” e revive cenas e conversas das quais seguramente já participou. Na primeira parte são apresentados os dados etnográficos, obtidos entre 1997 e 2004 mediante observação participante e realização de entrevistas, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. O fio condutor que orientou a coleta e a apresentação dos dados inova em relação aos estudos de recepção voltados para a questão das múltiplas releituras da mensagem televisiva. Ao escutar atentamente as leituras do discurso televisivo feitas por seus informantes, Nara Magalhães interroga, no entanto, o ver (a) televisão. Ao fazê-lo, descobre dinâmicas familiares em torno da TV, um vocabulário significativo dos modos de recepção, interpretação e reinterpretação dos conteúdos televisivos, uma experiência que embora negada, seja digna de especialistas em televisão. Descobre-se que, ao falar deste meio de comunicação, falamos do Brasil, do lugar que julgamos ocupar e que os Outros ocupariam nesta sociedade. A TV torna-se uma espécie de vetor que possibilita a expressão de posicionamentos acerca da diferença e um marcador de fronteira entre o “Eu e meu grupo” e os “Outros”. Na sutileza destas delimitações, a televisão é interpelada a partir dos valores de um grupo ao qual o espectador entende pertencer. Além da crítica moral que este procedimento encerra, o discurso produzido atribui à TV um grande poder em “fazer as cabeças” e situa socialmente os suscetíveis à dominação televisiva, ou seja, os “sem cultura”, sem capacidade de esco-

lha e de ação – as classes populares brasileiras. O poder da indústria cultural não é subestimado pela autora. No entanto, ela demonstra que, ao fazer da TV e dos grupos populares bodes expiatórios tanto para a crítica ao sistema quanto ao poder alienante da mídia, o suposto espírito crítico das camadas médias mostra-se estéril e pouco democrático. Isto na medida em que exige da mensagem televisiva não apenas homogeneidade, mas também que ela expresse os valores deste grupo e, talvez, que exerça um papel civilizador das classes populares. A etnografia de audiência apresentada por Nara Magalhães mostra também a existência de um “eles” difuso na crítica feita por seus interlocutores de classe média. Eles são aqueles que têm o poder de ditar o discurso televisivo, de mostrar e de esconder – os jornalistas, os donos das emissoras e do poder. A esta elite criticada, se juntam os políticos inescrupulosos que governam em causa própria, os corruptos ou os ricos que ignoram as leis. No entanto, os principais responsáveis pelo poder televisivo não seriam os membros da elite, mas os telespectadores ignorantes e manipuláveis. Contudo, os pesquisados “revelaram não ter contato com indivíduos de grupos populares em seu próprio modo de vida; não conhecem de perto seu cotidiano, a não ser alguns que vêm às suas casas para fazer faxina ou cuidar do jardim.” (p. 88). A relação com o mundo, mediada pela telinha, mistura representação e realidade, uma construindo a outra, uma sendo tomada pela outra. Assim, apesar da relação das camadas médias com as culturas populares não se dar mediante interação face a face, isto não impede que se pretenda saber sobre “eles”. Este conhecimento vem, em parte, da própria televisão, mas seu conteúdo negativo pode também ser encontrado em fontes eruditas.

Na segunda parte do livro, a concepção crítica “que ao reivindicar a democratização dos meios de comunicação aponta para um Brasil atrasado, povoado por uma maioria sem discernimento” é colocada em perspectiva com imaginários compartilhados no mundo intelectual. Nas

abordagens teóricas sobre os meios, a autora encontra uma intenção percebida, também por seus interlocutores, como necessária para que o poder televisivo seja limitado. A saber, a idéia de que o receptor deva ser educado. Cotejando esta concepção de fundo com as falas de seus informantes, vemos emergir uma discussão sobre a identidade nacional e a cultura brasileira. Vistas pela tela da TV, ambas são percebidas como inautênticas e a brasilidade como essencialmente negativa. Conduzindo-nos por quase um século de debate intelectual sobre o tema da identidade e da cultura brasileira, a autora coloca-nos diante de um preconceito intelectualista cuja persistência é surpreendente. Em sua busca por entender as ressonâncias entre o pensamento de seus informantes e o debate intelectual acerca da identidade e da cultura brasileira, Nara Magalhães utiliza o do conceito de circularidade para analisar a construção do conhecimento científico e de outros tipos de conhecimento. A hipótese da circularidade mostra-se fecunda, tanto por situar as posições destes pesquisados de camadas médias numa problemática geral de análise da televisão brasileira quanto por romper com a radical clivagem entre “eles, os informantes (mais ou menos letrados)” e “nós, os intelectuais”. Indiretamente, ao provocar inquietação quanto ao lugar dos grupos populares nos imaginários do Brasil, a análise aponta para a relevância da classe social como um marcador de fronteiras simbólicas. Na conclusão do livro, a autora afirma que a velha/atual crítica à televisão no Brasil encontra-se deslocada no tempo e no espaço: “Quando a crítica é cultural, a desvalorização da cultura popular e da identidade brasileira está imbricada; quando a crítica é política, não apresenta saída; quando a crítica é social, poderia dirigir-se a toda sociedade capitalista, mas se concentra só na televisão.” (p. 163). Ao término da leitura ficamos convencidos de que outra crítica é necessária. E isto não significa um elogio ao meio de comunicação. Seja abandonando o termo mídia que remeteria a um grande fantasma frente ao qual não se tem possibi-

lidade de agência, seja considerando os modos como o receptor disputa a construção do texto televisivo ou através dos tantos caminhos de “oxigenação” da crítica apontados pela autora, o livro, coerente com a tradição antropológica, nos instiga a aprender “humildemente, um batuque diferente que vem lá da televisão.” (Chico Buarque, A televisão).